

S E T O R D E I N D Ú S T R I A
INDÚSTRIAS TRADICIONAIS E ALIMENTÍCIAS

Diagnóstico Preliminar

DA

I N D Ú S T R I A E D I T O R I A L

G R Á F I C A

Documento interno, sujeito
a revisão e aprovação.
Não poderá ser divulgado ou citado
sem autorização do EPEA.

Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada (EPEA)
Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica

Dezembro de 1966

SETOR DE INDÚSTRIA
INDÚSTRIAS TRADICIONAIS E ALIMENTÍCIAS

— SETOR

Diagnóstico Preliminar

ps. 1026
148

DA

INDÚSTRIA EDITORIAL

E

GRÁFICA

Documento interno, sujeito
a revisão e aprovação.
poderá ser divulgado ou citado
sem autorização do EPEA.

Escritório de Pesquisa Econômica Aplicada (EPEA)
Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica

Dezembro de 1966

ÍNDICE

	<u>Página</u>
I - <u>ASPECTOS GERAIS DA INDÚSTRIA</u>	1
1 - <u>ESTRUTURA DO SETOR</u>	1
2 - <u>ESTABELECIMENTOS</u>	1
3 <u>LOCALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO</u>	4
4 <u>MÃO-DE-OBRA</u>	5
a) <u>Emprego</u>	5
b) <u>Remuneração</u>	8
c) <u>Produtividade</u>	10
5 - <u>PRODUÇÃO FÍSICA E VALOR RESPECTIVO</u>	13
a) <u>Jornais, Revistas e Outros Periódicos</u>	13
b) <u>Material Comercial e Escolar e Diversos Serviços Gráficos</u>	16
6 <u>ÍNDICE DO PRODUTO REAL</u>	17
7 - <u>FINANCIAMENTO DA INDÚSTRIA</u>	18
a) <u>Empréstimos</u>	18
b) <u>Investimentos</u>	20
 II <u>A INDÚSTRIA DO LIVRO E O PARQUE GRÁFICO NACIONAL</u>	 21
A <u>INDÚSTRIA DO LIVRO</u>	22
1 <u>EVOLUÇÃO</u>	22
2 <u>COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS</u>	28
3 <u>PROBLEMAS ESPECÍFICOS DA INDÚSTRIA</u>	38
a) <u>Custo de Composição e Impressão</u>	39
b) <u>Papel</u>	39
c) <u>Capa</u>	39
d) <u>Tradução e Revisão</u>	40
B - <u>O PARQUE GRÁFICO NACIONAL</u>	42
a) <u>Equipamento</u>	43
b) <u>Matéria-Prima</u>	44
c) <u>Mão-de-Obra</u>	45
 <u>CONCLUSÕES</u>	 46

I - ASPECTOS GERAIS DA INDÚSTRIA

A Indústria Editorial e Gráfica engloba várias atividades, incluindo desde a edição e impressão de jornais até a produção de artigos gráficos, todos com os seus problemas e características distintas. Neste capítulo, serão tratados todos os ramos da indústria englobadamente; nos capítulos seguintes, serão abordados os problemas relativos à indústria do livro e ao parque gráfico nacional, pela importância de que se revestem.

1 - ESTRUTURA DO SETOR

A Indústria Editorial e Gráfica compreende os seguintes ramos:

- a) edição e impressão de jornais
- b) edição e impressão de outras publicações periódicas
- c) edição e impressão de obras de texto
- d) - impressão de material comercial e escolar
- e) serviços gráficos diversos.

"Obras de texto" incluem livros científicos, didáticos, literários, e outras obras, como manuais, catálogos etc; "material comercial e escolar" inclui a produção de cadernos escolares, impressos comerciais para todos os fins e livros em branco; e, finalmente, "serviços gráficos diversos" englobam carteiras para cigarros, clichês, folhinhas e calendários, inclusive blocos e outros impressos litografados.

2 - ESTABELECIMENTOS

O quadro abaixo mostra a evolução do número de estabelecimentos existentes na Indústria Editorial e Gráfica no período 1940/1960, distribuídos segundo as distintas regiões.

QUADRO I
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS

REGIÃO	1940	1950	1960
Norte	48	55	51
Nordeste	190	241	264
Leste	895	1 079	1 061
Sul	1 031	1 326	1 925
Centro-Oeste	43	48	57
Brasil	2 207	2 749	3 358

FONTE: Censo Industrial: 1940/50/60 - IBGE.

O aumento entre 1940/1960 foi de 1 151 estabelecimentos (52%). Não obstante o incremento geral verificado no conjunto, observa-se o decréscimo no número de estabelecimentos, no período 1950/1960, nas regiões Norte e Leste.

O quadro a seguir mostra a distribuição dos estabelecimentos, segundo os diferentes ramos de atividade.

QUADRO II
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS
POR RAMO DE ATIVIDADE

RAMO DE ATIVIDADE	1 9 5 0	1 9 6 0
1. Edição e impressão de jornais e publicações periódicas	648	509
2. Edição e impressão de obras de texto.....	68	67
3. Impressão de material comercial e escolar.....	1 849	2 547
4. Execução de serviços gráficos diversos.....	184	235

FONTE: Censo Industrial, 1950 e 1960 - IBGE.

Nota-se a preponderância dos estabelecimentos de impressão de material comercial e escolar, a cuja expansão se deve o crescimento quase exclusivo da indústria, em número de estabelecimentos. Nota-se, por outro lado, o decréscimo no número de estabelecimentos dedicados à edição e impressão de jornais e publicações periódicas e à edição e impressão de obras de texto. Essa distribuição, ainda que não existam outros elementos conclusivos, tem ocasionado um aumento da capacidade de produção de estabelecimento, uma vez que o equipamento liberado é absorvido pelos estabelecimentos remanescente.

Tamanho do Estabelecimento

Na Indústria Editorial e Gráfica, o número dos estabelecimentos de cinco e mais pessoas e os de menos de cinco, praticamente se equivalem; em valor de produção, todavia, os estabelecimentos de cinco e mais pessoas (55%) respondem pela quase totalidade da produção (97%), como mostra o quadro seguinte.

QUADRO III
ESTABELECIMENTOS E VALOR DE PRODUÇÃO
1958

ESTABELECIMENTOS	NÚMERO	%	VALOR DE PRODUÇÃO Cr\$1 000	%
Com 5 e mais pessoas	1 576	55	16 363 290	97
Com menos de 5 pessoas.....	1 271	45	570 945	3
TOTAL	2 847	100	16 934 236	100

FONTE: Produção Industrial Brasileira - 1958.

Em termos de operários ocupados, o estabelecimento, na Indústria Editorial e Gráfica, é pequeno: 91 por cento têm menos de 50 operários e 50 por cento têm menos de 10 operários, como se observa no Quadro IV, abaixo.

QUADRO IV
TAMANHO DO ESTABELECIMENTO, SEGUNDO O NÚMERO DE OPERÁRIOS
1958

Nº DE OPERÁRIOS OCUPADOS	ESTABELECIMENTOS	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL
5	388	25
6 a 9	400	25
10 a 19	373	24
20 a 49	264	17
50 a 99	82	5
100 a 249	50	3
250 a 499	14	1
500 a mais	5	-
TOTAL	1 576	100

FONTE: "Produção Industrial Brasileira", 1958 - IBGE

3 - LOCALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO

Não há dados mais atualizados que mostrem a localização e concentração da Indústria Editorial e Gráfica. No Quadro I, todavia, nota-se que os estabelecimentos editoriais e gráficos se encontram em todas as áreas do país. Em termos de concentração, entretanto, observa-se a região Sul, onde se encontra mais de cinquenta por cento do setor, logo seguida da região Leste. As regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, especialmente pela dimensão geográfica que ocupam no país, apresentam-se com estabelecimentos dispersos. (Quadro I).

Dados mais atualizados e referentes a livros, folhetos e jornais editados (Quadro V) igualmente confirmam a intensa concentração da indústria, especialmente na parte editorial, na região Sul, destacando-se a área da Guanabara e São Paulo, que englobou 82 por cento dos livros, 66 por cento dos folhetos e 59 por cento dos jornais editados no país.

QUADRO V
PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES
1963

ESTADOS	LIVROS EDITADOS				FOLHETOS EDITADOS				JORNAIS (Diários e n/diários)	
	Títulos	%	Tiragem (1 000 Exemplares)	%	Títulos	%	Tiragem (1 000 Exemplares)	%	Tiragem Média (1 000 Exemplares)	%
Guanabara....	1 457	36	28 091	52	414	36	15 887	61	1 619	29
São Paulo....	1 820	46	23 581	43	344	30	5 392	20	1 643	30
Rio G.do Sul	167	4	873	2	72	6	510	2	428	8
Outros.....	566	14	1 678	3	327	28	4 369	17	1 831	33
TOTAL.....	4 010	100	54 223	100	1 157	100	26 158	100	5 521	100

FONTE: "Anuário Estatístico do Brasil", 1965 - IBGE.

4 - MÃO-DE-OBRA

a) Emprego

Como fonte de emprego, a Indústria Editorial e Gráfica ocupa posição intermediária dentro da Indústria de Transformação, respondendo por cerca de 3% do total de sua mão-de-obra, como mostra o quadro VI, elaborado com os dados mais atualizados disponíveis.

QUADRO VI
POSIÇÃO DO SETOR - EMPREGO
1964

S E T O R E S	PESSOAL OCUPADO EM 1-1-1964	
	TOTAL	OPERÁRIOS
1. Têxtil.....	340 218	315 599
2. Produtos Alimentares.....	257 834	204 233
3. Metalúrgica.....	242 716	205 398
4. Minerais não Metálicos.....	138 773	119 390
5. Material de Transporte.....	137 844	110 637
6. Química.....	96 076	69 070
7. Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos.....	93 201	80 774
8. Material Elétrico e de Comunicação...	83 697	67 789
9. Madeira.....	79 473	67 696
10. Mecânica.....	74 424	59 956
11. <u>Editorial e Gráfica</u>	56 423	41 930
12. Papel e Papelão.....	48 129	39 976
13. Mobiliário.....	46 467	38 888
14. Bebidas.....	44 012	31 224
15. Prod. Farmacêuticos e Medicinais.....	35 778	16 570
16. Diversos.....	35 441	29 479
17. Borracha.....	23 512	19 716
18. Couros e Peles e Produtos Similares..	23 148	20 367
19. Prod. de Materiais Plásticos.....	20 644	16 570
20. Fumo.....	14 764	13 204
21. Prod. de Perfumaria e Velas.....	14 077	8 656

FONTE: Anuário Estatístico - 1964.

Segundo as atividades do setor, há dados disponíveis apenas para os censos de 1950 e 1960, os quais não obstante, permitem mostrar a evolução dos vários ramos (Quadro VII).

QUADRO VII
DISTRIBUIÇÃO POR ATIVIDADES

RAMO DE ATIVIDADE	TOTAL DO PESSOAL		OPERÁRIOS	
	1950	1960	1950	1960
Edição e impressão de jornais	12 763	15 963	6 213	7 857
Edição e impressão de outras publicações periódicas.....	4 966	4 957	3 432	3 496
Edição e impressão de obras de texto.....	2 568	5 451	1 873	4 363
Impressão de material comercial e escolar.....	23 259	27 769	18 596	22 159
Serviços gráficos diversos...	5 811	6 280	4 652	4 983

FONTE: Censo Industrial, 1950 - IBGE

Censo Industrial 1960 - Dados Preliminares

Nota-se a predominância do ramo de impressão de material comercial e escolar, seguido da atividade de edição e impressão de jornais, participando os demais ramos em menor proporção. Todos apresentaram expansão, à exceção de edição e impressão de outras publicações periódicas, sendo de notar o desenvolvimento das atividades ligadas à edição e impressão de obras de texto, que duplicaram o pessoal empregado. O ramo de edição e impressão de jornais, que aumentou de 13 mil para 16 mil pessoas, teve o número de estabelecimentos reduzido, o que significa, em outras palavras, um aumento no seu tamanho médio, em termos de pessoas ocupadas. As atividades ligadas à impressão de material comercial e escolar e serviços gráficos diversos também apresentaram evolução sensível porém de menor monta.

No que diz respeito à evolução dos níveis de emprego, ao contrário da quase totalidade dos setores tradicionais, a Indústria Editorial e Gráfica vem mantendo posição relativamente estável frente à Indústria de Transformação, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO VIII
POSICÃO DA INDÚSTRIA
PESSOAL OCUPADO

ESPECIFICAÇÃO	1 9 5 5	1 9 5 6	1 9 5 7	1 9 5 8	1 9 6 2	1 9 6 3	1 9 6 4
(A) Ind. de Transf.	1 503 038	1 507 506	1 428 882	1 546 985	1 950 499	1 855 905	1 906 651
(B) Editorial e Gráfica	50 783	51 539	53 203	55 169	62 708	54 532	56 423
(B/A) %	3,4	3,4	3,7	3,6	3,2	2,9	3,0

FONTE: Registros Industriais - 1955/58 e 1962/64

Nota-se uma participação crescente, em termos percentuais, até 1957, quando atingiu 3,7% do pessoal ocupado no conjunto da indústria manufatureira, para atingir 3,0% no final do período. Observe-se a participação, em termos absolutos, em 1962, que destoa completamente da série analisada, a despeito do interregno verificado, tudo indicando ter sido ainda menor a participação, nesse ano, em termos percentuais. Não obstante, a participação média foi de 3,3 por cento, no período.

b) Remuneração

A comparação entre os salários e vencimentos pagos na Indústria Editorial e Gráfica e na Indústria de Transformação como um todo, mostra a perda de posição que o setor vem sofrendo. Realmente, de 4,4 por cento, em 1955, elevou-se a participação do setor para 4,7 por cento, em 1958, para declinar gradativamente, até atingir 3,3 por cento no fim do período.

QUADRO IX

POSICÃO DO SETOR

SALÁRIOS E VENCIMENTOS PAGOS (CR\$ 1 000 000)

ESPECIFICAÇÃO	1955	1956	1957	1958	1962	1963	1964
(A) Ind. de Transf.	42 219	64 195	76 141	45 224	477 513	873 429	1 672 876
(B) Ind. Editorial e Gráfica	2 177	2 789	3 500	4 455	18 431	29 695	56 002
B/A (%)	4,4	4,3	4,6	4,7	3,9	3,4	3,3

FONTE: "Produção Industrial Brasileira", 1955/1958 - IBGE

"Registro Industrial" 1962 - MIC

"Indústrias de Transformação, dados gerais" 1963/64 - IBGE

Os salários médios pagos no setor vêm crescendo a ritmo inferior ao verificado no conjunto da indústria manufatureira, ainda que, em termos reais, ambos apresentem aumento, conforme mostra o Quadro a seguir.

QUADRO X
EVOLUÇÃO DO SALÁRIO REAL (*)
1955/1964

ANOS	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	ÍNDICE	IND. EDITORIAL E GRÁFICA	ÍNDICE
	SALÁRIO REAL (MÉDIA MEN- SAL CR\$ 1 000)		SALÁRIO REAL (MÉDIA MEN- SAL CR\$ 1 000)	
1955	28,1	100	42,9	100
1956	35,1	125	44,6	104
1957	37,2	132	46,0	107
1958	37,5	133	49,1	114
1962	39,5	141	47,6	111
1963	44,2	157	51,1	119
1964	43,5	155	49,2	115

FONTE: "Produção Industrial Brasileira" 1955/58

"Registro Industrial", 1962-MIC

"Indústrias de Transformação, dados gerais", 1963/64 - IBGE

(*) - Valores a preços de 1955; Deflator Utilizado: índice do custo de vida, média geométrica entre Guanabara e São Paulo.

Essa defasagem no ritmo de crescimento dos salários médios pagos pela Indústria Editorial e Gráfica, por sua vez, vem trazendo um nivelamento do seu salário médio com a indústria manufatureira, nos últimos anos. Notem-se os níveis de salários médios pagos pelos dois setores, no início do período, quando a Indústria Editorial e Gráfica apresentava um salário real de quase o dobro da Indústria de Transformação, o que mostra, até certo ponto, o nível mais elevado de qualificação do pessoal utilizado pela indústria. Essa nivelção de salários sugere, como consequência, uma evasão de pessoal para outros setores, aumentando, assim, as necessidades de pessoal na indústria, o que já vem sendo constatado pelos próprios empresários, que fazem verdadeiros leilões de salários entre os operários qualificados. Por outro lado, os elementos novos, sem qualificação, não encontrando salários superiores, preferem trabalhar nos setores em que as condições de trabalho sejam mais promissoras, ficando, desta forma, a indústria sem preparar técnicos para o futuro.

c) Produtividade

A produtividade dos vários ramos medida em termos de valor adicionado por operário não apresentou substancial melhoria no período 1949/59; um dêles (edição e impressão de obras de texto), na verdade, apresentou variação insignificante (apenas 15 por cento). A variação máxima ocorreu no ramo de serviços gráficos diversos com 128 por cento (Quadro XI).

QUADRO XI

VALOR ADICIONADO POR OPERÁRIO (MÉDIA MENSAL)
1949/1959

RAMO DE ATIVIDADE	VALOR ADICIONADO P/OP. (CR\$ 1 000)		VARIAÇÃO % ENTRE 1949 E 1959
	1949	1959 (*)	
1. Edição e impressão de jornais.....	95,5	161,0	69
2. Edição e impressão de outras publicações periódicas	63,1	111,6	77
3. Edição e impressão de obras de texto.....	68,5	78,9	15
4. Impressão de material comercial e escolar.....	39,4	69,8	77
5. Serviços gráficos diversos.	51,6	117,8	128

FORNTE: "Censo Industrial": 1950 e 1960 - IBGE

NOTA: (*) - Valor a preços de 1949

Edição e impressão de jornais, edição e impressão de outras publicações periódicas, impressão de material comercial e escolar e serviços gráficos diversos são ramos verdadeiramente tradicionais, para os quais já existe uma estrutura de produção implantada; êsses ramos, com o desenvolvimento da economia, foram capazes de suportar melhor o impacto do aumento de demanda, ainda que possuindo uma estrutura de produção deficiente.

Para atender à demanda, todavia, o ramo de edição e impressão de obras de texto, sem tradição e sem estrutura próprias, mobilizou apenas mão-de-obra; na realidade, foi obrigado - como hoje ainda o é - a recorrer à estrutura já deficiente dos outros ramos. Na parte de produção, por exemplo, obtém ainda agora, serviços de um parque gráfi-

co obsoleto, sem equipamento adequado às grandes tiragens, utilizando processos tecnológicos inadequados. A carga que o ramo impôs à velha estrutura impediu um ritmo mais acelerado de desenvolvimento desses ramos. O que ocorreu durante os últimos anos, isto é, a sobrecarga que o ramo de edição e impressão de obras de texto vem ocasionando à velha estrutura do setor gráfico, e que, por essa razão, não é claramente identificável, torna-se evidente quando - como atualmente - se pretende iniciar um programa de grande proporção, com a publicação de grande número de obras, dentro de um espaço de tempo relativamente curto. Tal tipo de programa não poderá enfrentar o setor pela estrutura deficiente de que ainda dispõe.

Apenas dois ramos - impressão de material comercial e escolar e serviços gráficos diversos - elevaram a relação potência instalada/operário, o que explica, em parte, a melhoria dos níveis de produtividade por eles alcançada (Quadro XII); edição e impressão de jornais e edição e impressão de outras publicações periódicas, apresentaram insignificante aumento na referida relação, sugerindo que o aumento de produtividade se deve menos à elevação da relação da capacidade instalada/operário que a uma utilização mais eficiente do equipamento já existente.

QUADRO XII
POTÊNCIA INSTALADA POR OPERÁRIO
1949 / 1959

RAMO DE ATIVIDADE	POTÊNCIA INSTALADA (C.V)		OPERÁRIOS OCUPADOS (MÉDIA MENSAL)		POTÊNCIA INSTALADA / OPERÁRIO		VARIAÇÃO ENTRE 1949 E 1959 %
	1949	1959	1949	1959	1949	1959	
1. Edição e impressão de jornais.....	8 477	12 985	6 131	8 214	1,38	1,58	14
2. Edição e impressão de outras publica- ções periódicas...	5 598	5 839	3 562	3 642	1,57	1,60	2
3. Edição e impressão de obras de texto.	1 626	3 344	1 854	4 458	0,88	0,75	- 15
4. Impressão de mate- rial comercial e escolar.....	14 327	26 955	18 240	23 385	0,79	1,15	46
5. Serviços gráficos diversos.....	3 697	6 475	4 704	5 161	0,79	1,25	58

FONTE: "Censo Industrial", 1950 e 1960 - IBGE

Aspecto interessante, todavia, é o revelado pelo decréscimo (-15 por cento) da relação potência instalada/operário no ramo de edição e impressão de obras de texto (Quadro XII). Esse fato sugere a especialização a que foi obrigado o ramo, através da desintegração de atividades quando transferiu a parte de produção propriamente dita (gráfica) para os outros subsetores, para se concentrar na parte puramente editorial.

5 - PRODUÇÃO FÍSICA E VALOR RESPECTIVO

Os dados de produção física e valor de produção disponíveis apenas para 1955/58, juntamente com os elementos sobre tiragens médias e totais (1959/63) permitem concluir sobre a evolução da produção do ramo relativo à edição e impressão de jornais e revistas e outros periódicos. No que diz respeito à produção de material comercial e escolar e diversos serviços gráficos, serão comentados os dados referentes a 1958 (único ano disponível).

Dada a importância do setor e os problemas específicos, a produção de livros será objeto de estudo em capítulo separado.

a) Jornais, Revistas e Outros Periódicos

A produção de jornais, (inclusive diários oficiais) apresentou um crescimento firme e progressivo, tanto em termos de volume físico como em valor de produção; ao contrário, revistas e outros periódicos evoluíram de maneira insegura, em termos de volume físico de produção, ainda que, como valor respectivo, hajam apresentado elevação constante (Quadro XIII).

QUADRO XIII
PRODUÇÃO FÍSICA E VALOR
JORNAIS, REVISTAS E OUTROS PERIÓDICOS

ESPECIFICAÇÃO	1 9 5 5		1 9 5 6		1 9 5 7		1 9 5 8	
	QUANT. 1000 EX.	VALOR CR\$ 1.000.000	QUANT. 1000 EX.	VALOR CR\$ 1.000.000	QUANT. 1000 EX.	VALOR CR\$ 1.000.000	QUANT. 1000 EX.	VALOR CR\$ 1.000.000
Jornais (inclusive diários oficiais).....	513 839	813	520 163	1 040	626 995	1 689	704 720	2 109
Revistas e outros periódicos.....	230 624	450 034	167 516	569	192 663	842	252 233	1 243

FONTE: "Produção Industrial Brasileira", 1955/1958 - IBGE.

A comparação da evolução das duas atividades sugere uma nítida situação de mercado, em que a tradição de leitura muito beneficiou o desenvolvimento do setor de jornais. Além disso, o forte subsídio ao papel de imprensa, permitiu aos jornais a manutenção de preços, praticamente sem alteração. Por outro lado, quando da elevação dos custos de produção, grande parte dos mesmos era transferida aos anunciantes.

Ao contrário, a evolução de revistas e outros periódicos mostra uma situação de mercado diferente, em que não havia tradição de leitura, de um lado e, de outro, em que o aproveitamento da economia de escala não era feito convenientemente. Dessa forma, ainda que igualmente subsidiado, o ramo de revistas e outros periódicos não pôde apresentar o mesmo ritmo de desenvolvimento que o de jornais.

Em termos de tiragem média, os dados disponíveis mais recentes (Quadro XIV) e relativos a jornais e a revistas e outros periódicos, mostram o desenvolvimento dos respectivos subsectores, no período 1959/1963, que em linhas gerais, cresceram de maneira firme, notando-se, apenas, uma diminuição na parte referente a jornais (1963). Com base nos elementos anteriores e nos apresentados no Quadro XIV, nota-se o desenvolvimento mais acentuado do setor de revistas e outros periódicos a partir de 1959. Note-se, com a expansão da tiragem média, especialmente para revistas e outros periódicos, o possível aproveitamento da economia de escalas.

QUADRO XIV

TIRAGEM MÉDIA DE JORNAIS E OUTROS PERIÓDICOS (1 000 EXEMPLARES)

A N O S	J O R N A I S		OUTROS PERIÓDICOS
	DIÁRIOS	NÃO DIÁRIOS	
1 9 5 9	3 925	3 620	14 254
1 9 6 0	3 973	4 214	15 369
1 9 6 1	4 200	3 139	14 991
1 9 6 2	4 213	4 080	15 546
1 9 6 3	3 302	2 218	15 631

FONTE: "Anuário Estatístico do Brasil", 1961/1965 - IBGE

Na parte referente a outros periodicos, nos quais se incluem as revistas, nota-se o aumento dos níveis de tiragem média diária e, principalmente, quinzenal (Quadro XV).

QUADRO XV

OUTROS PERIÓDICOS

TIRAGEM MÉDIA - 1962/63 - 1 000 EXEMPLARES

ESPECIFICAÇÃO	1 9 6 2	1 9 6 3
Diária	189	618
Semanal	2 512	2 343
Quinzenal	972	2 081
Mensal	9 790	8 687
Trimestral	549	-
Semestral	-	205
Outros	1 534	1 679
Irregular	-	19
TOTAL	15 546	15 631

FONTE: "Anuários Estatísticos do Brasil", 1964/65 - IBGE

b) Material Comercial e Escolar e Diversos Serviços Gráficos

Não há elementos estatísticos disponíveis sobre a produção de material comercial e escolar e diversos serviços gráficos, além dos constantes do Registro Industrial de 1958, os quais, não obstante, permitem dar idéia da posição desse setor dentro da Indústria Editorial e Gráfica (Quadro XVI).

Em termos de valor de produção, elevou-se a quase Cr\$ 5,2 bilhões - cerca de 32 por cento do total produzido pela Indústria Editorial e Gráfica, sendo o ramo mais importante, em termos de produção, o relativo a impressos comerciais para todos os fins (70 por cento do total).

QUADRO XVI
PRODUÇÃO DE MATERIAL COMERCIAL E ESCOLAR
E DIVERSOS SERVIÇOS GRÁFICOS
1958

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE	VALOR (CR\$ 1 000)
<u>Material Comercial e Escolar</u>		
Cadernos Escolares (mil)	64 890	337 511
Impressos Comerciais p/to dos os fins (mil).....	10 925 549	3 506 672
Livros em branco (mil)..	3 506 672	207 267
<u>Serviços Gráficos Diversos</u>		
Carteiras para Cigarros (mil).....	1 705 201	92 336
Clichês (cm ²).....	30 071 511	114 195
Folhinhas e Calendários (inclusive blocos) (mil)	22 264	346 512
Outros Impressos Litografados (mil).....	4 006 449	574 446

FONTE: "Produção Industrial Brasileira", 1958.

6 - ÍNDICE DO PRODUTO REAL

A Indústria Editorial e Gráfica apresentou um ritmo de crescimento acima do verificado para os demais setores tradicionais.

A análise do índice de produto real para o setor e sua comparação com o conjunto da Indústria de Transformação mostra um crescimento firme, acompanhando o do setor manufatureiro, em geral, porém em nível inferior.

QUADRO XVII
ÍNDICE DO PRODUTO REAL DA INDÚSTRIA
BASE: 1953 = 100

	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958
(A) Ind.de Transform.	59	66	73	82	87	91	100	109	121	129	136	159
(B) Ind.de Editorial e Gráfica	52	57	56	67	82	98	100	110	115	120	152	140

FONTE: Fundação Getúlio Vargas - IBRE

7 - FINANCIAMENTO DA INDÚSTRIA

No que diz respeito às fontes, o financiamento da Indústria Editorial e Gráfica, como os demais setores tradicionais, tem encontrado apoio nos recursos postos à sua disposição pelos órgãos públicos, especialmente na parte referente a imobilizações. No que tange a recursos para capital de giro, além da Carteira de Crédito Geral (CREGE), do Banco do Brasil - a única fonte para a qual há elementos disponíveis - o sistema bancário privado também concorre para complementar as necessidades do setor; todavia, além da CREGE, nada se pôde obter para quantificar o montante pôsto à disposição da indústria. Em qualquer caso, para mobilizações em capital fixo as únicas fontes são as oficiais; para capital de trabalho, os recursos carreados para o setor por intermédio dos órgãos oficiais representam parcela substancial, além do fato de que, por serem quantificáveis, dão idéia da posição do setor dentro do conjunto da Indústria de Transformação.

a) Empréstimos

Os empréstimos concedidos pela CREAM (Carteira de Crédito Agrícola e Industrial), do Banco do Brasil, em geral de médio prazo, são insignificantes, carecendo, portanto, de qualquer significação (Quadro XVIII).

QUADRO XVIII

BANCO DO BRASIL S/A - (CREMI) FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS (CR\$ 1 000 000)

ESPECIFICAÇÃO	1959	1960	1961	1962	1963	1964
(A) Ind. de Transformação	7 366	10 664	18 582	33 834	49 137	104 176
(B) Ind. Editorial e Gráfica.....	35	46	195	114	93	223
B/A (%)	0,5	0,4	1,0	0,3	0,2	0,2

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil: 1960/1965 - IBGE.

Em geral, êsses empréstimos visariam à aquisição de matéria-prima como complemento das necessidades de capital de giro; as necessidades médias giraram em torno de 65 por cento no período 1959/64, alcançando, em 1960, um máximo de 98 por cento. A parte do empréstimo referente a instalações, em consequência, teve, em geral, menor participação, alcançando um mínimo de 2 por cento, em 1960, para atingir o máximo no ano seguinte (67 por cento).

Dessas participações, conclui-se que, necessitando cada vez mais de capital de giro, solicitou a indústria, no período, sempre menos recursos para imobilizações técnicas. Isto, por sua vez, sugere uma relativa capacidade instalada, que, para ser operada com eficiência, naturalmente precisa de recursos destinados ao capital de trabalho. Como os recursos destinados às imobilizações representam parcela mínima, isto significa que, além de não ser expandida a capacidade já instalada, acima de tudo não está sendo renovado o parque industrial gráfico. Esse fato fica realçado, ainda mais, quando se observa que êsses recursos, quantificados em valores correntes, sofreram violenta exterioração ocasionada pela inflação, o que, em termos reais, significa cada vez menos recursos disponíveis (Quadro XIX).

QUADRO XIX

FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS (CR\$ 1 000 000)

BANCO DO BRASIL S/A

CREM I

ANOS	TOTAL	MATÉRIA PRIMA	%	INSTALAÇÕES	%
1959	35	21	60	14	40
1960	46	45	98	1	2
1961	195	65	33	130	67
1962	114	91	80	23	20
1963	93	73	78	20	22
1964	223	96	43	127	57

FONTE: "Anuário Estatístico do Brasil": 1960/65 - IBGE

No que diz respeito a Fundos que, em geral, financiam imobilizações, à exceção apenas do FUNDECE, a Indústria Editorial e Gráfica obteve recursos dos vários disponíveis, em montante de Cr\$ 1,36 bilhões (Quadro XX).

QUADRO XX
FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS

FUNDOS	VALOR DOS FINANCIAMENTOS (CR\$ 1 000)
FINAME (até julho/66)	81 780
FIPEME (até 30-9-66)	1 180 000
FUNDECE (em 1965)	103 000
TOTAL	1 364 780

FONTES: FINAME, FIPEME e FUNDECE

Além dêsses, foram carreados outros recursos para o setor, através da Carteira de Crédito Geral do Banco do Brasil, S.A., para complemento do capital de trabalho. Em linhas gerais, e em comparação com a Indústria de Transformação, os empréstimos obtidos pelo setor através de descontos de duplicatas aumentaram no período 1960/65, participando, em média, com 1,2 por cento do total concedido (Quadro XXI).

QUADRO XXI
FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS (CR\$ 1 000 000)
BANCO DO BRASIL S/A (CREGE)

ESPECIFICAÇÃO	1960	1961	1962	1963	1964	1965
(A) - Ind.de Trans formação....	261 753	344 422	547 453	886 720	1 386 545	1 959 527
(B) - Ind.Editori- al e Gráfica	2 321	2 998	4 667	9 466	26 759	29 057
B/A (%)	0,9	0,9	0,9	1,1	1,9	1,5

FONTE: "Relatório do Banco do Brasil": 1950/1965.

b) Investimentos

Não há elementos que permitam quantificar o montante das inversões próprias do setor, seja através do reinvestimento de lucros, seja por novos recursos próprios das empresas. No primeiro caso, dado o

pequeno porte das emprêsas, em geral sociedades por quotas de responsabilidade limitada, não há conhecimento público da situação econômico-financeira dessas emprêsas; no caso de novas inversões próprias, igualmente, torna-se impossível seu conhecimento, considerando o caráter disperso das emprêsas e seu pequeno porte.

Não obstante, os dados disponíveis (1955/58-Quadro XXII), ainda que antigos, permitem estimar o nível dos investimentos do setor gráfico. Em termos reais, foram investidos anualmente, em média Cr\$323 milhões, destacando-se 1958, em que aumentaram, em 60 por cento os investimentos no setor.

QUADRO XXII
INVERSÕES DE CAPITAL

ANOS	VALOR DAS INVERSÕES (*) (CR\$ 1 000)						
	Novas Máquinas	Novas Construções	Novos Veículos	Subtotal	Máquinas adquiridas em 2ª mão	Veículos adquiridos em 2ª mão	Total
1955	166 388	38 788	8 457	213 633	49 393	4 444	267 470
1956	125 642	60 422	5 488	191 512	56 183	6 016	253 711
1957	108 154	62 287	14 404	184 845	60 928	9 016	254 789
1958	178 066	117 083	17 289	312 438	93 731	12 933	419 102

FONTE: Produção Industrial Brasileira - 1955/58

(*) - A preços de 1955

Não há elementos disponíveis para avaliar a repercussão nos anos subsequentes, no que diz respeito à produção de jornais e revistas e outros periódicos. Muito provavelmente, todavia, houve expansão em seus níveis de produção, especialmente na parte de revistas e outros periódicos.

Os dados disponíveis para a produção de livros e folhetos, entretanto, mostram que os investimentos realizados em 1958, ocasionaram acentuada expansão na produção da indústria editorial de livros (ver A Indústria do Livro - Quadro XXIV).

II - A INDÚSTRIA DO LIVRO E O PARQUE GRÁFICO NACIONAL

No presente capítulo, serão tratados os aspectos referentes à Indústria do Livro, isto é, a parte exclusivamente editorial, em que

serão salientados os problemas com que se defronta este setor. Da mesma maneira, serão tratados os problemas característicos do parque gráfico nacional, de cujo desenvolvimento depende diretamente a Indústria do Livro.

A - INDÚSTRIA DO LIVRO (*)

1 - EVOLUÇÃO

A Indústria do Livro apresenta nítidos sinais de expansão a partir de 1958, ano em que foram feitos substanciais investimentos no setor gráfico. Em termos físicos, a produção elevou-se de cerca de 11 milhões de unidades, em 1955, para atingir quase 29 milhões, em 1958; em termos de valor, essa produção elevou-se de Cr\$ 107 milhões, no início da série, para atingir Cr\$ 383 milhões, em 1958 (Quadro XXIII).

(*) - De acordo com definição internacionalmente aceita (UNESCO), entende-se como livro o volume impresso, sem periodicidade ou com periodicidade igual ou superior a um ano, com texto, ilustração ou com ambos, contendo um mínimo de 49 páginas, e, como folheto, o volume que, com as mesmas características, tenha um mínimo de 5 e um máximo de 48 páginas.

QUADRO XXIII
OBRAS DE TEXTO
PRODUÇÃO FÍSICA E VALOR (1955/1958)*

ESPECIFICAÇÃO	1 9 5 5		1 9 5 6		1 9 5 7		1 9 5 8	
	QUANT.	VALOR CR\$ 1 000	QUANT.	VALOR CR\$ 1 000	QUANT.	VALOR CR\$ 1 000	QUANT.	VALOR CR\$ 1 000
Livros Científicos e Literários(mil).....	2 518	40 624	2 954	46 486	1 000	10 859	7 073	100 444
Livros Didáticos (mil).....	8 648	60 021	20 702	103.521	7 172	89 111	8 196	77 735
Outras obras de texto (mil).....	-	-	-	-	-	-	13 506	204 620
T O T A I S	11 166	106 645	23 656	150 007	8 172	99 970	28 775	382 799

FONTE: "Produção Industrial Brasileira," 1955/65 - IBGE

Nota * - A produção de "outras obras de texto" para os anos de 1955, 1956 e 1957, acha-se englobada na produção de livros científicos, didáticos e literários.

Não há dados disponíveis referentes ao valor de produção para o período 1959/1963. A produção física referente a esse período (Quadro XXIV), todavia, mostra o incremento acentuado registrado para 1959 (41,3 milhões de exemplares), possivelmente como consequência dos investimentos feitos no ano anterior; registrou o setor um decréscimo nos níveis de produção, nos anos de 1960 e 1961, para recuperar-se nos anos seguintes, especialmente em 1962, quando atingiu 66,7 milhões de exemplares, com uma tiragem média de cerca de 45 milhões de exemplares, no período 1959/1963.

No que diz respeito à produção de folhetos, elevou-se de 15 milhões, em 1959, para 26 milhões, em 1963. Não há dados anteriores que permitam estimar a evolução da produção até essa data. Indiretamente, todavia, pelo acréscimo de produção no setor de livros, em relação a 1958, e considerando uma possível relação entre as duas produções, chega-se à conclusão de que o comportamento teria sido o mesmo.

QUADRO XXIV
PRODUÇÃO DE LIVROS E FOLHETOS

A N O S	L I V R O S			F O L H E T O S		
	TÍTULOS	TIRAGEM (1 000 EXEMP.)	TIRAGEM MÉDIA (1 000 EXEMP.)	TÍTULOS	TIRAGEM (1 000 EXEMP.)	TIRAGEM MÉDIA (1 000 EXEMP.)
1 9 5 9	4 015	41 295	10,3	1 322	14 940	11,3
1 9 6 0	3 953	36 323	9,2	1 424	14 886	10,5
1 9 6 1	3 168	29 170	9,2	743	10 956	14,7
1 9 6 2	3 538	66 659	18,8	968	19 602	20,3
1 9 6 3	4 010	54 223	13,5	1 157	26 158	22,6

FONTE: "Anuário Estatístico do Brasil", 1961/1965 - IBGE

A despeito de haver elevado o nível de produção, o número de títulos, todavia, manteve-se praticamente estacionário; na realidade a média registrada no período foi inferior à produção, por títulos, registrada em 1959, tanto para livros como também para folhetos.

As primeiras edições vêm ganhando terreno, a partir de 1962, sobre as edições subsequentes; nota-se uma tendência de crescimento, nas primeiras edições, enquanto para as edições subsequentes é evidente a tendência de decréscimo, em termos de títulos publicados, no período 1959/63. Isto pode significar, no longo prazo, uma substituição acentuada no fundo editorial: em lugar das obras tradicionais, dos grandes escritores, especialmente literários, acentua-se o volume de obras novas, nacionais e estrangeiras, especialmente estas últimas, pelas traduções.

Note-se a tiragem total de edições subsequentes em volume superior à das primeiras edições, com a diferença que, enquanto a tiragem média das edições subsequentes tem oscilado, a tiragem média das primeiras edições vem crescendo firmemente, no período, o que significa um mercado em expansão para obras novas (Quadro XXV).

QUADRO XXV
LIVROS EDITADOS
1959/ 1963

A N O S	1a. EDIÇÃO			EDIÇÕES SUBSEQUENTES		
	TÍTULOS	TIRAGEM	TIRAGEM MÉDIA	TÍTULOS	TIRAGEM	TIRAGEM MÉDIA
1 9 5 9	2 000	9 661 210	4 830	2 015	31 633 751	15 699
1 9 6 0	1 924	7 963 945	4 139	2 029	36 322 827	19 901
1 9 6 1	1 417	5 685 292	4 012	1 751	23 464 660	13 400
1 9 6 2	1 783	23 324 105	13 081	1 715	43 052 895	25 103
1 9 6 3	2 285	28 235 566	12 356	1 703	25 973 940	15 251

FONTE: "Anuário Estatístico do Brasil", 1961/1965 - IBGE

2- COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Ainda que não esteja colocado nos últimos lugares, o **Brasil**, entretanto, está abaixo da média mundial (9 397 títulos) como produtor de livros, em termos de número de títulos publicados em 1962 (Quadro XXVI). É indiscutível a posição da União Soviética, Reino Unido, Japão, Estados Unidos e República Federal da Alemanha, com mais de 20 mil títulos publicados, cada um, todos apresentando crescimento no período 1958/62, à exceção do Japão que, de 25 mil títulos decresceu para 22 mil, desde, naturalmente, que não tenham sido introduzidos, no período, modificações de definições.

QUADRO XXVI
PRODUÇÃO MUNDIAL POR TÍTULOS

P A Í S E S	1958	1959	1960	1961	1962
Alemanha Oriental.....	7 101	5 631	6 103	6 493	6 540
Argentina.....	2 623	3 701	4 063	3 874	3 323
Áustria.....	3 234	2 861	3 439	3 237	3 557
Bélgica.....	3 247	4 193	3 645	3 402	3 465
Brasil (1).....	(2) 4 911	5 337	(2) 5 377	(2) 3 911	(2) 4 469
Bulgária.....	...	3 181	3 369	3 716	...
Canadá.....	1 537	2 542	2 743	3 212	3 600
China Contin.....	...	1 472	1 582	618	2 625
Coreia.....	...	1 516	1 618	1 412	3 720
Dinamarca.....	3 267	3 515	3 531	3 987	4 157
Espanha.....	5 177	6 500	6 085	6 819	8 045
Estados Unidos.....	13 462	14 876	15 012	18 060	21 901
França.....	11 725	...	12 072	12 705	...
Hungria.....	3 146	6 252	5 205	5 672	5 256
Índia.....	17 433	11 979	10 731	8 967	11 086
Itália.....	...	7 684	8 111	...	...
Iugoslávia.....	5 276	...	...	...	...
Japão.....	24 983	24 152	23 682	24 223	22 010
México.....	...	2 500	1 964	2 679	3 760
Noruega.....	2 909	3 367	3 256	3 340	3 119
Países Baixos.....	7 817	8 588	7 893	9 010	9 674
Polónia.....	6 142	6 613	7 305	7 224	7 162
Portugal.....	5 357	5 346	6 646	6 254	4 461
Reino Unido.....	22 143	20 690	23 783	24 893	25 079
Rep. Fed. da Alemanha.	19 618	16 532	21 103	21 877	21 481
Suécia.....	5 665	5 905	5 825	5 345	5 472
Suíça.....	4 549	4 371	4 899	5 070	5 633
Tchecoslováquia.....	7 929	8 492	7 930	9 728	8 073
Turquia.....	3 925	...	3 447	4 357	4 842
URSS.....	63 641	69 072	76 064	73 999	79 140

FONTE: "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina", E. Antonio Garcia, B. Aires, 1965, citando: Buch and Buch Sandel in Zablen, Frankfurt; Book Production 1937-1954 and Translations (1950-1954) UNESCO; Paris; Statistical Yearbook (1962/63) N. York.

(1) - Inclusive folhetos

(2) - Fonte: "Anuário Estatístico do Brasil", 1960/62/63/64 - IBGE

A propósito, deve-se notar que êsses elementos são apenas indicativos, pois apresentam distorções bastante significativas, entre as quais as referentes à URSS e à Índia. No que se refere a URSS, vários livros são repetidos nas estatísticas, pois a produção editorial é distribuída em 91 línguas, sendo 61 dialetos de povos da União Soviética e 30 línguas estrangeiras. Não obstante, sua produção ultrapassa os 30 000 títulos, o que lhe assegura, de qualquer maneira, o primeiro lugar como produtor de livros. Quanto à Índia, além dos problemas dos dialetos, qualquer outra publicação, como folheto, é considerada livro, sendo sua produção efetiva, portanto, inferior à registrada.

Com relação aos problemas observados na estatística internacional da produção de livros, Eustacio Antonio Garcia, em "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina", aborda o assunto de maneira bem própria, quando diz: "es interesante antes de entrar a considerar los datos estadísticos tratar de esclarecer la diferencia entre libro e folheto, existiendo una completa anarquía en la legislación internacional, que perjudica la interpretación de las estadísticas comparadas. Esta anarquía proviene además de la falta de homogeneidad para incluir los datos. Unas veces se publican solamente con obras primeras ediciones, en otros países se incluyen las reediciones. En otros registros la información se extiende en forma indiscriminada a libros, publicaciones periódicas y otros materiales impresos". Torna-se evidente, assim, a necessidade de critérios de padronização das informações dos dados estatísticos que permitam reais comparações internacionais.

Com mais de 10 mil títulos, figura apenas a Índia, em termos de produção total (livros e folhetos), situando-se, com produção superior a 5 mil títulos, os Países Baixos, Tchecoslováquia, Espanha, Polónia, Alemanha Oriental, Suíça, Suécia e Hungria. Com produção abaixo de 5 mil títulos, vêm os demais países, entre os quais o Brasil, com cerca de 10 países com produção inferior, e apenas a Turquia com pouco mais, porém inferior a 5 mil títulos, em 1962. Com base em anos anteriores a 1962, e em comparação com o Brasil, situam-se acima: França, Itália e Iugoslávia, ficando a Bulgária, com pouco mais de 3 700 títulos, abaixo do Brasil.

A produção mundial, distribuída por grandes regiões, (Quadro XXVII), mostra a posição ou relêvo da Europa que, com apenas 15 por cento da população mundial, publicou, em 1958, cerca de 45 por cento da produção mundial, em termos de títulos, o que comprova o elevado nível intelectual de sua população; vem a seguir a União Soviética que, com 7 por cento da população mundial publicou cerca de 20 por cento do

total; seguindo-se a Ásia que responde por 25 por cento da produção mundial. A América do Norte responde por 6 por cento da produção mundial, vindo, a seguir, a América do Sul, com 3 por cento do total. Note-se, no caso da Ásia, a posição do Japão e da Índia, que respondem pela elevada concentração de títulos nessa região.

QUADRO XXVII

TÍTULOS PUBLICADOS MUNDIALMENTE - ANO 1958

CONTINENTES	TÍTULOS PUBLICADOS		POPULAÇÃO
	Quantidade de Títulos	% s/a Produção Mundial	% s/a Produção Mundial
TOTAL MUNDIAL	323 000	100	100
África.....	4 000	1	8
América do Norte	19 000	6	9
América do Sul..	10 000	3	5
Ásia.....	80 000	25	56
Europa.....	145 000	45	15
Oceania.....	1 000	0	0
URSS	64 000	20	7

FONTE: "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina" - E. Antonio Garcia. B. Aires, 1965, citando "Basic Facts and Figures", - UNESCO. Paris, 1965.

Depois dos Estados Unidos, o Brasil ocupa a posição de maior destaque como produtor de livros, em termos de títulos de obras publicadas, seguindo-se o México, Canadá, Argentina e Chile; os demais países do continente americano apresentaram produção anual inferior a 1000 títulos publicados nos anos indicados (Quadro XXVIII).

QUADRO XXVIII
OBRAS PUBLICADAS NO CONTINENTE AMERICANO
ANO 1962

P A Í S E S	OBRAS PUBLICADAS
Estados Unidos	21 901
<u>Brasil</u> (1959)	5 337
México	3 760
Canadá	3 600
Argentina	3 323
Chile	1 040
Peru	791
Cuba	736
Guatemala	500
Colômbia (1955)	438
Venezuela (1961)	338
Uruguai (1961)	266
Honduras	189
São Salvador (1961)	165
Rep. Dominicana (1957)	136
Nicarágua (1947)	122
Bolívia (1957)	100
Equador (1958)	70
Paraguai (1958)	30
Costa Rica	25
Panamá (1952)	12

FONTE: "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina", E. Antonio Garcia. B. Aires, 1965.

Convém observar, todavia, que o número de obras publicadas nao está baseado em normas idênticas. Alguns países incluem publicações oficiais, enquanto outros registram apenas edições comerciais; em alguns casos, os números registrados foram obtidos através de questionários enviados aos editôres, à falta de estatísticas oficiais. Não obstante, o quadro dá idéia da posição dos diversos países.

Nota-se, de imediato, a posição de liderança dos Estados Unidos, com cêrca de 22 000 obras publicadas. Três fatores parecem explicar esta posição: o elevado nível de renda, o nível intelectual da população e sua posição como exportador de livros.

Ainda que bem mais modesta que a dos Estados Unidos, a posição do Brasil, todavia, deve ser encarada do ponto de vista do desenvolvimento, única e exclusivamente, do mercado interno, ao contrário da situação dos demais países de língua espanhola, especialmente o México e Argentina que dispõem do mercado latino-americano, em termos de língua comum.

A língua mais utilizada na publicação mundial de livros é a inglesa, com 22 por cento do total, em 1952; segue-se a língua russa, alemã, japonesa e francesa. As demais participam, individualmente, com menos de 10 por cento do total.

QUADRO XXIX
PUBLICAÇÃO MUNDIAL DE LIVROS SEGUNDO AS PRINCIPAIS
PAIS LÍNGUA - ANO 1952

L I N G U A S E P A Í S E S	PORCENTAGEM
<u>INGLÊS</u> Reino Unido - Estados Unidos - África do Sul - Austrália - Nova Zelândia	21,8
<u>RUSSO</u> Rússia	16,9
<u>ALEMÃO</u> Rep.Fed.Alemã - Áustria - Alemanha Oriental - Suíça	15,4
<u>JAPONÊS</u> Japão	11,7
<u>FRANCÊS</u> França - Bélgica - Suíça - Marrocos	9,8
<u>ESPAANHOL</u> Espanha - América Latina	7,5
<u>ITALIANO</u> Itália - Suíça	6,7
<u>PORTUGUÊS</u> Portugal - Brasil	5,4
<u>CHINÊS</u> China	4,8
Total das obras publicadas nestas línguas principais: 147 857	100,0

FONTE: "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina" - E. Antonio García, B. Aires, 1965, citando: Baker, R.E.: Books for All, UNESCO; Paris 1965.

A importância da língua inglesa decorre do mercado efetivo dos próprios países dessa língua; êsse mercado de grandes proporções, por sua vez, tem origem na elevada percentagem da população de fala inglesa, de alto poder aquisitivo e de elevado nível de alfabetização. O fato de serem os Estados Unidos grande centro de cultura técnica e que, através do livro, exporta técnica, por outro lado, assegura um mercado adicional nas demais regiões do globo.

Entre os países de fala espanhola, a Espanha responde por mais da metade do total dos títulos publicados em língua castelhana; além do mercado interno, vem-se desenvolvendo êsse país como grande exportador de livros para os demais países de língua castelhana. O México e a Argentina, além dos respectivos mercados internos, estão também desenvolvendo o mercado externo pela exportação para os demais países da América Latina de fala espanhola, o que assegura reais possibilidades de expansão para a indústria editorial.

A língua portuguesa, todavia, restrita a Portugal e ao Brasil, limita a expansão da indústria editorial brasileira praticamente ao mercado interno, em função do que se deve desenvolver, uma vez que à exceção de uns poucos setores, como o literário, nossas possibilidades de exportação são de pequena monta. Não obstante, torna-se altamente desejável o entrosamento entre as duas indústrias para que, ampliado o mercado, seja possível a redução de custos através de tiragens mais elevadas. Nesse caso, Portugal teria mais a se beneficiar do que o Brasil, pelo baixo nível de tiragem que tem.

A tiragem média da indústria editorial determina os custos de produção. Não há elementos atualizados que permitam verificar a atual posição dos diversos países, inclusive a do Brasil. Elementos disponíveis para 1952 (Quadro XXX), todavia, mostram que a União Soviética apresenta a maior tiragem média, seguindo-se o Reino Unido e os Estados Unidos. Depois da Finlândia, com 12 010 exemplares impressos por título publicado, vem a França, com 9 610 exemplares para finalmente, em 6º lugar, surgir o Brasil, com 8 730 exemplares, o que o coloca em posição relativamente vantajosa. Note-se a posição de Portugal.

QUADRO XXX

TIRAGEM EM IMPORTANTES PAÍSES EDITORES - ANO 1952

P A Í S E S	TÍTULOS PUBLICADOS	EXEMPLARES IMPRESSOS (MILHÕES)	TIRAGEM MÉDIA
República Federal Alemã	13 913	108	7 760
Argentina (*)	4 969	37	7 450
Austrália	627	3	4 780
Bélgica	610	26	5 640
Brasil	3 208	28	8 730
Bulgária (1951)	2 087	18	8 620
Canadá	684	4	5 850
Dinamarca (1949)	3 164	8	2 530
Espanha	3 445	16	4 640
Finlândia	1 748	21	12 010
França	10 410	100	9 610
Iugoslávia	4 465	21	4 700
Noruega	2 704	11	4 070
Nová Zelândia	327	2	6 120
Países Baixos	6 728	31	4 610
Portugal	4 153	17	4 090
Reino Unido	18 741	286	15 260
Suécia	3 286	20	6 090
Suiça	3 245	12	3 700
URSS	37 500	650	17 330
USA	11 840	164	13 850
T O T A I S	141 854	1 583	11 160

FONTE: "Desarrollo de la Industria Editorial Argentina" E. Antonio Garcia, citando Barker, R.E: "Books for All" - UNESCO.

(*) - Estimativa pessoal do autor (E. Antonio Garcia)

As estatísticas disponíveis sobre bibliotecas em serviço não são atualizadas; para efeito de comparação internacional com o Brasil, todavia, êsses elementos permitem concluir sobre a posição do nosso país frente à rede de bibliotecas existentes. Esse ponto é de alto interesse para o estudo da indústria editorial, uma vez que as bibliotecas são compradores efetivos e asseguram a absorção de parte da tiragem de um livro.

Nota-se a extensa rãdo de bibliotecas existentes nos Estados Unidos e o ainda mais volumoso estoque de livros que abrigam. Entre os países latino-americanos constantes do Quadro XXXI, destaca-se o Brasil, vindo a seguir a Argentina e o México; não obstante, a posição do Brasil é insignificante frente a dos demais países europeus. 4

QUADRO XXXI
BIBLIOTECAS EM SERVIÇO
MUNDO

PAÍS			CATEGORIA DAS BIBLIOTECAS				
			NACIONAIS	UNIVERSIT.	ESCOLARES	ESPECIALIZ.	PÚBLICAS
E.U.A.	1956	Biblioteca Vol.(1000)	1 10 776	1 832 125 000	122 257 102 915		7 500 157 224
México	1953	Biblioteca Vol.(1000)	1 500	36 2 600	37 120	59	52 250
Argentina	1952	Biblioteca Vol.(1000)	1 661	74 2 582	947	173 86	1 324 1 518
Brasil	1955	Biblioteca Vol.(1000)	1 1 229	128 1 404	926 2 911	817 4 375	444 2 858
Alemanha Oc.	1954	Biblioteca Vol.(1000)	21 8 000	14 8 550		246	6 850 8 000
Bélgica	1955	Biblioteca Vol.(1000)	1 1 476				2 425 9 523
França	1951	Biblioteca Vol.(1000)	5 10 765	17 13 191			652 13 110
Itália	1954	Biblioteca Vol.(1000)	7 7 618	60 7 815		219 9 025	200 11 602

FONTE: Estatísticas sobre Bibliotecas - UNESCO

Elementos mais recentes, (Quadro XXXII), disponíveis apenas para o Brasil; mostram que não foi grande a expansão do número de bibliotecas, durante o período 1957/63, na verdade, em período intermediário (1959/61), chegou a atingir mais de 1 900 bibliotecas, para descer, no final do período (1963), a 1 834 unidades em funcionamento. No que diz respeito aos volumes existentes no mesmo período, nota-se expansão relativamente pequena do estoque existente em 1957, atingindo um máximo, em 1962, com cerca de 15 000 000 de volumes. Os decréscimos, especialmente o registrado entre 1962 e 1963, não são explicáveis pela redução no número de bibliotecas.

Note-se a concentração das bibliotecas nas capitais - cerca de 30 por cento, abrigando, em média, 70 por cento dos volumes existentes.

A expansão do estoque tomando por base os anos em que se registraram o menor (1957) e o maior volume (1962), foi de apenas 4 milhões de volumes (3,6 por cento) existentes durante um período mínimo de 6 anos.

QUADRO XXXII
BIBLIOTECAS EM FUNCIONAMENTO NO BRASIL
1957/1963

ANOS	ESPECIFICAÇÃO	BIBLIOTECAS	VOLUMES EXISTENTES		
			Catalogados (1 000 vol.)	Não Catalogados (1 000 vol.)	Total (1 000 vol.)
1957	Brasil Capitais	1 742 631	8 842 6 533	1 885 1 366	10 727 7 898
1958	Brasil Capitais	1 854 671	8 887 6 606	2 043 1 365	10 930 7 971
1959	Brasil Capitais	1 954 711	9 967 7 517	2 161 1 418	12 128 8 935
1960	Brasil Capitais	1 966 703	9 712 7 067	2 071 1 322	11 783 8 389
1961	Brasil Capitais	1 924 696	9 872 7 167	2 196 1 419	12 235 8 753
1962	Brasil Capitais	1 817 678	12 296 9 399	2 685 1 896	14 981 11 295
1963	Brasil Capitais	1 834 665	10 071 7 218	2 674 1 820	12 746 9 038

FONTE: Anuários Estatísticos 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965 do IBGE.

Relacionando a adição máxima de estoque no período 1959/63 (3,2 milhões de exemplares) com a tiragem de livros no mesmo período, (principais edições - Quadro XXV), no montante de 74,8 milhões, conclui-se que a absorção de livros pelas bibliotecas representa percentagem insignificante (3,7 por cento), o que mostra a inteira dependência da indústria editorial à venda avulsa, isto é, ao público, ao contrário de outros países, em que pode contar o setor editorial com percentagem relativamente elevada previamente consignada às bibliotecas.

3 - PROBLEMAS ESPECÍFICOS DA INDÚSTRIA

Um dos principais problemas da Indústria Editorial e Gráfica - especialmente o setor de livros - reside nos custos elevados. Este problema, por sua vez, tem origem no mercado relativamente reduzi-

do, em vista do elevado número de analfabetos, baixo poder aquisitivo, população irregularmente distribuída, deficiente sistema de comunicações, irregular serviço de correio, reduzido número de livrarias e bibliotecas, entre outros fatores.

Os custos de produção compreendem: a) composição e impressão; b) papel; c) capa e d) tradução e revisão.

a) Custo de Composição e Impressão

O custo de composição e impressão, à base de um livro de 200 páginas, para edições com 1 000 exemplares e mais, permite se tenha idéia da influência da economia de escala nos custos de produção (Quadro XXXIII).

QUADRO XXXIII
CUSTO DE PRODUÇÃO DE LIVROS

EDIÇÃO	CUSTO POR PÁGINA (CR\$) DE EDIÇÃO	CUSTO DA EDIÇÃO (CR\$)	CUSTO POR LIVRO (CR\$)
1 000	4 860	4 860 x 200 = 972 000	972
2 000	5 395	5 395 x 200 = 1 079 000	538
3 000	5 930	5 930 x 200 = 1 186 000	395
4 000	6 465	6 465 x 200 = 1 293 000	323
5 000	7 000	7 000 x 200 = 1 400 000	280
6 000	7 535	7 535 x 200 = 1 507 000	251

FONTE: Pesquisa Direta - 1966

b) Papel

O papel de impressão pode ser estimado à base de Cr\$ 800/kg. (1966). Para o cálculo do custo, pode-se tomar o mesmo livro de 200 páginas, cujo milheiro pesa cerca de 300 kg, o que dá um custo por livro, com o papel, da ordem de Cr\$ 240.

c) Capa

Em geral, a capa também tem seu custo reduzido a partir de determinado número de unidades. No exemplo concreto, dentro da mesma

base, a capa custa Cr\$ 145 por unidade, na tiragem de 1 000 volumes; a partir de 5 000 unidades, todavia, desce para Cr\$ 80.

d) Tradução e Revisão

No caso dos livros estrangeiros traduzidos, o custo da edição se eleva, naturalmente. Com base na mesma fonte, no mesmo livro de 200 páginas incidiram cêrca de Cr\$ 2 000 (tradução) e Cr\$ 500 (revisão), em média.

Êsses, naturalmente, são os elementos de custo, mais importantes, e por ôles se pode perceber a notável influência da economia de escalas na tiragem de livros.

A fim de mostrar a influência do volume das tiragens, consolidam-se os dados individuais de custo anteriormente referidos, em quatro níveis diferentes de tiragens.

QUADRO XXXIV
PRINCIPAIS ELEMENTOS DE CUSTO - (CR\$)

I T E M	1 000 EXS. (CR\$/EXEMPLAR)	%	3 000 EXS. (CR\$/EXEMPLAR)	%	5 000 EXS. (CR\$/EXEMPLAR)	%	6 000 EXS. (CR\$/EXEMPLAR)	%
a) Composição e Impressão	972	52	395	41	280	40	251	38
b) Papel	240	13	240	25	240	34	240	36
c) Capa	145	8	145	15	80	12	80	12
d) Tradução e Revisão	500	27	167	19	100	14	83	14
T O T A L	1 857	100	947	100	700	100	654	100

FONTE: Pesquisa direta - 1966

Observe-se a acentuada diferença de custo entre os vários níveis de tiragem, o que determina, em última análise, o preço final, do livro; as pequenas tiragens - não importam as causas - oneram grandemente o livro. Nota-se que todos os componentes do custo decrescem, à exceção, apenas, do papel; o custo da capa eleva-se até o nível de 3 000 para descer a partir de 50 exemplares. A tradução e a revisão segundo grande componente do custo ao nível de 1 000 exemplares - vai decrescendo à medida que se eleva o nível das tiragens. Dessas observações, conclui-se que o papel que, no nível de 1 000 exemplares, responde a 13 por cento dos custos, vai-se elevando percentualmente à medida que a tiragem aumenta, chegando, no exemplo acima, ao nível de 6 000 exemplares, a praticamente igualar os custos de composição e impressão; em níveis mais elevados de tiragem, êsse percentual continua em crescimento, tornando-se o mais importante elemento de custo em níveis mais altos de produção. (Ver - O Parque Gráfico Nacional - Matéria-Prima).

O custo de composição e impressão decresce de acordo com o nível da tiragem e com nível de tecnologia empregado. Os custos, dentro das condições atuais, são extremamente elevados.

B - O PARQUE GRÁFICO NACIONAL

O parque gráfico nacional é composto, em quase sua totalidade, de equipamento obsoleto, do ponto de vista tecnológico, e extremamente desgastado pelo uso. Por outro lado, êsse parque tem sua maior tradição, na execução de trabalhos gráficos de pequeno porte, com variadas linhas de produção, o que influencia negativamente os custos dos textos que lhe são entregues pelas editoras. Desta forma, sem alternativas, as editoras são obrigadas a entregar seus trabalhos à execução das gráficas, as quais, pelo equipamento inadequado de que dispõem, apresentam custos elevados. Do ponto de vista de adequação, apenas duas gráficas - uma, no Rio, e outra, em São Paulo, estão em condições de compor texto técnico altamente especializado.

A Indústria do Livro no Brasil vem-se desenvolvendo com base na estrutura do parque gráfico nacional, cuja grande maioria de estabelecimentos está equipada no ramo de impressão de material comercial e escolar (80 por cento).

Êsse parque, concentrado intensamente na região Sul, caracteriza-se pelo pequeno tamanho de seus estabelecimentos (91 por cento com menos de 50 operários, em 1958), utilizando equipamento tecnologicamen

te obsoleto, em sua grande maioria, e intensamente desgastado pela utilização durante muitos anos, com manutenção precária e virtualmente sem reposição. Por outro lado, uma gerência de modesto nível técnico de administração supervisiona uma mão-de-obra de salário progressivamente crescente, que já não atrai novos contingentes de operários para treinamento no trabalho.

Para que a Indústria do Livro possa desenvolver adequadamente, torna-se necessário o aumento da eficiência do parque gráfico nacional, cujos obstáculos principais, são: equipamento, mão-de-obra e os demais insumos que utiliza, especialmente a matéria-prima, os quais serão tratados, a seguir.

a) Equipamento

A Indústria Gráfica possui na sua quase totalidade, equipamento antigo e obsoleto, das mais variadas procedências. A reposição é difícil e as improvisações necessárias. O equipamento é essencialmente estrangeiro, não havendo fabricação nacional de máquinas de impressão litográfica (off-set); existe apenas equipamento auxiliar (corte e vinco, dobradeiras, cortadeiras, máquinas de envernizar etc.) e tipográficas de pequena área de impressão. A qualidade desse equipamento é considerada como satisfatória pelo parque gráfico nacional, ainda que não considerada igual à de procedência estrangeira, em termos de precisão, velocidade e qualidade do material utilizado na sua fabricação.

A dificuldade de importação de equipamento estrangeiro tem dado ocasião, algumas vezes, à construção de máquinas, cujos modelos são tirados de similar estrangeiro, antigo.

Dada a relativa exiguidade do mercado interno, a indústria estrangeira ainda não manifestou interesse em se instalar no Brasil. A possibilidade, todavia, de integração com a área da ALALC, que expandiria o mercado, permitiria a ampliação do parque nacional de equipamento gráfico. Todavia, considerando os avanços tecnológicos na indústria gráfica mundial, de um lado e, de outro, a defasagem tecnológica em que se encontra o parque gráfico nacional, não deve ser estimulada a implantação de indústria de equipamento gráfico que traga modelos absolutos, para, com base em similar nacional, impedir a entrada de equipamento estrangeiro, pois, com isso, a ineficiência desse equipamento aqui produzido seria transferida ao parque gráfico nacional, que continuaria tecnicamente superado.

Isto se torna ainda mais verdadeiro quando se tenta para o fato de, no setor gráfico, já haver começado a funcionar acordos de maneira efetiva e irreversível, através dos quais é feita a concessão para importação de obras impressas em país membro da ALALC, qualquer idioma, sem gravames ou restrições de qualquer ordem. Com base nesses acordos já estão sendo importadas publicações periódicas da Argentina, concorrendo facilmente com similares nacionais. Somente através do aumento de eficiência do setor gráfico nacional será possível a concorrência que trará benefícios comuns, e um dos itens de grande importância nesse aumento de produtividade é a atualização material do parque gráfico.

b) Matéria-Prima

A matéria-prima utilizada pela indústria gráfica, especialmente o papel e a cartolina, oferece problemas à melhoria de produtividade do setor.

Não há estudos específicos sobre o assunto, mas os fatos sugerem que, ao aumento da demanda da indústria gráfica, não houve aumento correspondente do lado da oferta; como consequência, a elevada expansão do preço aliada a uma qualidade não comparável com a do similar estrangeiro faz com que a ineficiência do parque gráfico nacional seja ainda mais acentuada; como decorrência natural da elevação de preço, surgiram a redução nos prazos de pagamento e atras nas entregas, tanto no papel como na cartolina duplex.

O papel teve seu preço elevado de Cr\$ 350/kg, em maio de 1965 para Cr\$ 690/kg, em setembro de 1966. A cartolina duplex utilizada na embalagem, por sua vez, elevou-se a Cr\$ 44/kg, em dezembro de 1965 para Cr\$ 730/kg, em junho de 1966.

Essas elevações imprevisíveis têm, para a indústria gráfica duas importantes implicações. A primeira consequência é o aumento das necessidades de capital de trabalho que, subindo constantemente e não se elevando proporcionalmente suas disponibilidades, traz um decréscimo progressivo no aproveitamento da capacidade instalada do setor; a segunda implicação, diretamente ligada à primeira, é a de manutenção dos níveis de preços - praticamente impossível - uma vez que o setor supridor de matéria-prima não assegura um nível estável de preços.

Do ponto de vista qualitativo, o papel para impressão em geral, apresenta qualidade inferior ao similar estrangeiro, o que influencia negativamente a produtividade do setor gráfico. Como regra ge-

ral, tem as seguintes características o papel nacional:

- a) - gramatura irregular, existindo diferença na mesma remessa e, às vezes, na mesma fôlha;
- b) - escolha geralmente mal feita, ocorrendo, algumas vezes, mistura de côres ou mesmo de pedaços de outro tipo de papel; e, vez por outra, pedaços de madeira que danificam o cautchut;
- c) - corte imperfeito, ocasionando variações no tamanho e formato da fôlha;
- d) emendas imperfeitas no papel em bobinas;
- e) pêso frequentemente inferior ao especificado;
- f) secagem incompleta, o que obriga a uma secagem nas próprias gráficas;

Além desses aspectos, apresenta o papel, problemas de porosidade, lisura e espessura, além de problemas de acondicionamento deficiente.

No caso da cartolina, a qualidade imprópria aos serviços que devem ser executados obriga, em geral, à operação inversa de humedecimento a fim de melhorar a produtividade do trabalho e a apresentação do produto. Em ambos os produtos, todavia, a qualidade da matéria-prima, em geral, oferece obstáculos à melhoria dos níveis de produtividade do setor gráfico.

No que diz respeito às demais matérias empregadas pela indústria gráfica, é elevada a percentagem de importação, cuja maioria dos produtos, como panos de borracha caoutchouc), chapas de zinco ou alumínio, carvões para lâmpadas de arco-voltaico, filmes, produtos químicos (drogas para processamento fotográfico), retículas, objetivas, filtros, lâmpadas para máquinas fotográficas e peças de reposição para as máquinas em uso. Em alguns casos, a elevada incidência da alíquota, não permitindo estoque compatível com o nível de produção, acarreta transtorno à programação da produção, diminuindo, assim, a eficiência do setor.

c) Mão-de-Obra

A mão-de-obra necessária à indústria gráfica é recrutada e treinada nas próprias gráficas. O lento sistema de aprendizagem, cheio dos defeitos próprios desse tipo de treinamento, diminui sobremaneira a eficiência da indústria. A redução de aproveitamento do tempo das máquinas, o desperdício da matéria-prima e o ponto de estrangulamento que

a aprendizagem cria, quando feita dentro das linhas normais de produção - como é o caso - , ocasionam grande ineficiência na indústria.

Tentando diminuir o deficit, o SENAI mantém cursos de artes gráficas, em nível de operação. Não há preparação, no Brasil, do gráfico de nível técnico. O setor vem procurando estudar a solução. A Associação Brasileira de Técnicos Gráficos (A.B.T.G.) já tem estudos concluídos sobre o assunto, o qual deve ser apreciado dentro de uma política nacional de formação de mão-de-obra especializada.

C O N C L U S Õ E S

a) - Ainda que dispersos por todo o território nacional, os estabelecimentos gráficos e editoriais, especialmente os últimos, estão mais intensamente concentrados nos Estados da Guanabara e São Paulo.

b) - Predominam os estabelecimentos de pequeno porte; em 1958, 91% dos estabelecimentos empregavam menos de 50 operários e 50 por cento, menos de 10.

c) - Ao contrário da quase totalidade dos demais setores tradicionais, a Indústria Editorial e Gráfica vem mantendo sua posição relativa frente à Indústria de Transformação, como um todo, do ponto de vista de emprego.

d) - Em termos de salário real, todavia, a Indústria Editorial e Gráfica vem crescendo a ritmo inferior ao verificado na indústria manufatureira, não atraindo, em consequência, novos contingentes de mão-de-obra.

e) - Entre 1949 e 1959, os vários ramos da indústria não apresentaram aumentos substanciais de produtividade (medida em termos de valor adicionado por operário); na verdade, um deles (edição e impressão de obras de texto - basicamente a Indústria do Livro), dada a falta de estrutura própria, apresentou um crescimento insignificante (15%).

f) - A indústria vem encontrando apoio financeiro por parte do Poder Público na parte referente às inabilizações; do ponto de vista de necessidade de capital de trabalho, parte substancial vem sendo suplementada pelo Banco do Brasil (CREGE), mantendo o setor uma porcentagem média de 1,2% do total fornecido para a Indústria de Transformação.

g) - A Indústria do Livro tem apresentado considerável índice de crescimento. Em 1955, a produção física era de 11,2 milhões, enquanto em 1963, ascendeu a 54,2 milhões. Também a produção de folhetos vem crescendo de maneira apreciável, passando de 15 milhões, em 1959, a 26,2

milhões em 1963. Há indícios de uma transformação na estrutura editorial, pela substituição de obras tradicionais por obras recentes, nacionais ou estrangeiras.

h) - O Brasil está situado abaixo da média mundial (9 397 títulos) como produtor de livros, se bem que esta média esteja distorcida pela falta de uniformidade de critérios. No continente americano, entretanto, o Brasil tem posição de destaque na produção de livros; sendo suplantado apenas pelos Estados Unidos.

i) - O crescimento da indústria editorial fundamenta-se na expansão do mercado interno por razões de idioma. A colocação de livros brasileiros em Portugal traria benefícios à indústria editorial, seja em termos de melhor aproveitamento de economia de escala, seja em razão de uma suplementação do mercado interno, isto é, ampliação das possibilidades de expansão do setor.

j) - A rede de bibliotecas no Brasil é incipiente, comparada com a de outros países, seja no tocante ao número de estabelecimentos, seja com relação ao acervo. Assim, a indústria editorial, não tendo garantida a colocação de significativa parcela de sua produção, recorre fundamentalmente à venda a varejo.

k) - A Indústria Gráfica possui na sua quase totalidade equipamento antigo e obsoleto, em sua quase totalidade de procedência estrangeira. A fabricação nacional de equipamento gráfico se restringe à produção de equipamento auxiliar e tipográfico de pequena área de impressão.

l) - A matéria-prima, especialmente papel e cartolina, oferece problemas à melhoria da produtividade do setor. Tudo indica que a expansão da Indústria Gráfica não correspondeu a necessária adaptação da oferta de matéria-prima, tanto em qualidade quanto em quantidade. A parcela de materiais importados (panos de berracha, carvões para lâmpadas de arco-voltaico, etc.), em virtude da incidência de elevadas tarifas, constitui entrave ao setor.

m) - A mão-de-obra do setor carece de treinamento adequado. O SENAI mantém cursos de artes gráficas, em nível de operação, mas a grande parcela do contingente de mão-de-obra é treinada na própria fábrica, com todas as contra-indicações que tal processo apresenta. Tentando suprir a falta de gráficos de nível técnico, a Associação Brasileira de Técnicos Gráficos (A.B.T.G.) tem estudo recente, já concluído, que deverá ser examinado brevemente.

